

Mensagens do além-túmulo: a formação de um imaginário sobre a vida após a morte e o medo de fantasmas na Roma Antiga

Messages from the otherworld: the formation of an imaginary about the afterlife and the fear of ghosts in Ancient Rome

Carlos Eduardo de Araújo Mattos¹

RESUMO

Este artigo apresenta um debate sobre a forma como o mundo romano tratava a memória dos seus mortos e como isso interfere nas suas expectativas do além-mundo. A construção de necrópoles e os constantes banquetes em honra dos falecidos e mesmo a arquitetura de mausoléus do Império Romano tinha um propósito de celebrar as memórias dos falecidos, desde o luxo dos túmulos dos mais ricos até as mais simples covas em que as pessoas pobres eram enterradas. Outro propósito dessas honrarias era o de manter afastado o perigo de assombrações insatisfeitas virem exigir cuidados. O medo de fantasmas parece ser algo com que os romanos estavam familiarizados. Este medo também se reflete na literatura do mundo antigo. Desta forma, neste artigo discutimos esse tema através da teoria literária no tangente à questão de gênero literário, mais especificamente o gênero maravilhoso, na perspectiva de Tzvetan Todorov. Em seguida, apresentamos o *Livro de Maravilhas*, de Phlegon, de Tralles, na qual o gênero maravilhoso se destaca a partir do tema da aparição de fantasmas. Por fim, falamos do tema dos túmulos e festas romanas de honra aos mortos como forma de afastar assombrações. Nosso propósito é uma compreensão inicial do que o mundo antigo via como limites entre os mundos dos

¹ Doutorando em Ciências da Religião no PPG-CR da Universidade Metodista de São Paulo/ CAPES. Endereço eletrônico: edubadofe@yahoo.com.br

vivos e mortos e os perigos de se ultrapassá-los, além de demonstrar que essa forma de se relacionar com os mortos pode dar indícios de ter se tornado uma tradição recebida, inclusive no Cristianismo Primitivo, embora este não seja diretamente o assunto do artigo.

PALAVRAS-CHAVE

Além-Mundo. Mundo Antigo. Circularidade Cultural. Mundo dos Mortos.

ABSTRACT

This paper presents a debate on how the Roman world treated the memory of the dead and how this interferes with their expectations of the World of the Dead. The construction of necropolises and the constant banquets in honor of the deceased and even the architecture of mausoleums of the Roman Empire had a purpose to celebrate the memories of the deceased (from the luxury of the tombs of the richest to the simplest pits in which poor people were buried). Another purpose of these honors to the dead was to keep away the danger of unfulfilled hauntings coming to demand care. Fear of ghosts seems to be something the Romans were familiar with. This fear is also reflected in the literature of the ancient world. Considering that, we discuss this topic through literary theory, in the tangent to the question of literary genres and more specifically, the Wonderful Genre, in the perspective of Tzvetan Todorov. Next, we present *Phlegon of Tralles' Book of Marvels*, in which the Wonderful Genre stands out from the theme of the apparition of ghosts. Finally, we talk about the theme of the tombs and Roman feasts of honor to the dead as a way to avoid hauntings. Our purpose is an initial understanding of what the ancient world saw as the boundaries between the worlds of the living and the dead and the dangers of overcoming these boundaries. Our purpose is to demonstrate that this way of relating to the dead in the ancient world may give evidence of having become a received tradition, including in Early Christianity, although this is not directly the subject of the paper.

KEYWORDS

The Other-World. Ancient World. Cultural Circularity. The World of the Dead.

Introdução

O mundo dos mortos, o destino da alma e aparições de fantasmas são temas fascinantes, que tanto atraem como causam medo e repulsa com a mesma proporção. Não apenas isso. O universo religioso é repleto de referências: religiões são fundamentadas nas relações entre os vivos e os mortos. Para algumas religiões, são mundos que parecem se fundir, e a relação deste mundo com o além e seus habitantes é vista com naturalidade. Para outras, o limite entre estes mundos representa uma espécie de tabu, uma fronteira que não deve jamais ser ultrapassada. Em qualquer caso, a mão dupla entre fascínio e medo está presente. Por mais ignorada que seja esta esfera da existência (ou da pós-existência) em algum momento ela se torna uma pergunta a ser respondida pelo universo religioso para algumas pessoas.

Como algumas das obras com as quais dialogamos neste artigo deixam evidente, o fascínio, a curiosidade e o medo pelo mundo dos mortos não é coisa nova. O Império Romano tinha preocupações, rituais e crenças muito fortes sobre as formas de se relacionar com os mortos. Essas preocupações se originaram antes deles e não pararam por aí: certamente outras culturas herdaram essas preocupações. Possivelmente, o Cristianismo Primitivo dialogou com as ideias sobre o pós-morte de sua época, recebeu e ressignificou a memória e a tradição sobre como lidar com os seus falecidos. Como atestam alguns textos neotestamentários, pelo menos uma vez, os discípulos de Jesus demonstraram medo de fantasmas (Mt 14,276). Essa crença possivelmente faz parte do enredo que compõe uma ampla rede de imaginário cristão primitivo, como defende Paulo Nogueira: “Pertencer ao cristianismo implicava em ser doutrinado num conjunto de códigos – gestual, metafórico, de sistemas narrativos, entre outros [...]”².

Descrições de tumbas, desenhos em necrópoles e festas em honra de mortos apresentam algumas dessas formas de lidar com os restos mortais e a memória daqueles que partiram. Juntas, elas compunham uma espécie de tradição a respeito do trato com os mortos. Tal tradição tinha dois

² NOGUEIRA, Paulo A. S. *Narrativa e Cultura Popular no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018, p. 34.

propósitos: honrar os mortos e mantê-los afastados. O medo de assombração parecia ser algo comum no mundo antigo.

Por acreditar que esta relação de honra e medo para com os mortos estava presente e forte no mundo antigo, apresentamos neste artigo uma aproximação a este tema com uma teoria literária que estabeleça um padrão de análise: o gênero maravilhoso. Este gênero será apresentado por uma obra intrigante, ainda pouco conhecida, do mundo antigo. Por fim, apresentamos descrições das relações dos vivos com os mortos no mundo antigo, a partir da análise da obra de uma pesquisadora que estuda arte funerária.

1. A discussão de gêneros literários a partir de Tzvetan Todorov: entre o fantástico, o estranho e o maravilhoso

Tzvetan Todorov é um pesquisador franco-búlgaro, especialista nos semioticistas russos. Respeitado no mundo acadêmico por seus estudos em teoria literária e linguística, inicia sua obra *Introdução à Literatura Fantástica* com um arrazoado a respeito das questões de gênero literário que desenvolvem uma discussão frutífera a respeito de três gêneros que interessam diretamente a este artigo: o gênero Fantástico, o gênero Estranho e o gênero Maravilhoso. Ele defende a importância do estudo do gênero literário como uma tarefa peculiar. Entendendo a limitação do estabelecimento de uma regra que se aplique ao conceito de gênero (a dificuldade de se catalogar todas as obras literárias de um autor, por exemplo, a fim de se identificar um único gênero), ele observa que “podemos aceitar que os gêneros existem a diferentes níveis de generalidade e que o conteúdo dessa noção se define pelo ponto de vista escolhido”³.

Junto a isso, Todorov soma uma de suas características enquanto estruturalista (preocupação pela estética) e defende que é inútil falar de gêneros, uma vez que uma obra é única, singular, e vale pelo que a torna diferente de todas as outras e não pelo que a torna semelhante. Nesse sentido, eis uma definição de gênero a partir de Todorov: a característica que aproxima uma obra literária de outras em suas características marcantes.

3 TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 9.

Ao afirmar que falar de gêneros é inútil, Todorov defende seu ponto de vista: “Se gosto de uma determinada obra não é porque seja um romance (gênero), mas porque é um romance diferente de todos os outros”⁴.

Para o autor, não é possível encontrar uma obra literária na qual tudo seja individual, ou seja, que não traga uma ligação com as obras do passado. Um texto, efetivamente, manifesta propriedades comuns a subconjuntos da literatura. A questão é que, ainda que participe desse subconjunto da literatura, toda obra individualmente tem potencial de transformar a combinação entre a ligação com o gênero e o caráter inédito da própria obra, produzindo um movimento duplo (da obra em direção à literatura e da literatura em direção à obra). Todorov encerra um longo debate a respeito do tema do gênero, com uma frase simples e significativa: “Deveria ser dito que uma obra manifesta tal gênero, não que ele (o gênero) exista nesta obra”⁵. Acredito que, posta dessa forma, a discussão abre então espaço para avanços no entendimento dos três gêneros apresentados e por ele classificados na obra acima mencionada.

1.1 Uma definição de fantástico

O âmago do gênero fantástico ocorre nas seguintes circunstâncias, segundo Todorov: no mundo que conhecemos, sem vampiros ou diabos, acontece um evento inexplicável segundo as leis desse mundo conhecido. Diante disso, surgem duas opções: trata-se de um produto de imaginação. Nesse caso, as leis do mundo conhecido continuam a ser como são ou o fato ocorreu, é parte da realidade e, nesse caso, a realidade é regida por leis desconhecidas por nós⁶. O fantástico, então, ocorre mediante a hesitação de quem experimenta uma realidade sobrenatural, mas só conhece as leis naturais e fica em dúvida entre acreditar se o fato ocorrido é realidade ou fantasia. O gênero fantástico, defende Todorov, nunca elimina essa hesitação diante do inexplicável no mundo real.

Segundo Todorov, “‘Cheguei quase a acreditar’: eis a fórmula que resume o espírito do fantástico”. As certezas no âmbito do mundo real

⁴ TODOROV, 2010, p. 9.

⁵ TODOROV, 2010, p. 26.

⁶ TODOROV, 2010, p. 30.

ou a plena fé no feito sobrenatural levam-nos para fora do âmbito do fantástico. A pergunta que Todorov faz, no entanto, é: quem hesita? Ele mesmo responde. Para que o fantástico seja reconhecido como gênero, numa obra, é necessário que personagens (herói e/ou outros) hesitem em acreditar, mas também o leitor. Não o “leitor real”, mas a função de leitor implícito no texto. O fantástico cumpre seu papel quando personagens e leitor implícito hesitam diante do narrado. Para ele, a hesitação do leitor é a primeira condição do fantástico⁷.

Entretanto, para se cumprir exigências e condições do fantástico, o autor apresenta alguns perigos, no nível da interpretação do texto: diante de texto reconhecidamente de natureza alegórica ou poética, o leitor não vai questionar sua natureza: sabe que não deve tomar um texto em que um animal fala ou que o “eu-lírico” diz que voa, ao pé da letra. Então, é necessário cumprir o que Todorov chama de exigências do fantástico: o texto deve obrigar o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Essa hesitação pode ser confiada a um personagem da obra e, representada dessa forma, torna-se um tema da obra. Por fim, é importante que o leitor recuse interpretações alegóricas ou poéticas⁸.

O critério do fantástico, defende o Todorov, se encontra na experiência do leitor e essa experiência deve ser o medo. Entretanto, o fantástico dura o tempo da hesitação (do personagem e/ou do leitor). Ao tomar uma decisão, no fim da estória, optando por uma solução, sai do fantástico. Explico: se ele (leitor e personagem) decide que as leis da natureza não mudam e encontra explicação para os eventos narrados, entra no gênero “estranho”. Por outro lado, se decide que novas leis da natureza devem ser adotadas e explica os fenômenos narrados por meio dessas novas leis, estamos diante do gênero “maravilhoso”. Por isso, Todorov acredita que, antes de ser um gênero autônomo, o fantástico se localiza no limite entre esses dois gêneros: o estranho e o maravilhoso⁹.

⁷ TODOROV, 2010, p. 37.

⁸ TODOROV, 2010, p. 39.

⁹ TODOROV, 2010, p. 48.

1.2 O fantástico entre gêneros: o estranho e o maravilhoso

No limiar entre gêneros em que Todorov enquadra o fantástico, ele resume de forma bastante simples as diferenças entre os gêneros fantástico, estranho e maravilhoso. Para ele, o fantástico pressupõe a hesitação diante de um fato narrado e o medo gerado por tal narrativa. O estranho ocorre quando um fato é narrado e gera a surpresa, o medo e a hesitação, mas em seguida, a hesitação dá lugar a uma explicação do sobrenatural. Por exemplo: numa determinada narrativa, ocorre que o corpo de uma pessoa morta desaparece do túmulo e é encontrado no porão da casa onde a pessoa fora assassinada. Durante a noite, os moradores da casa ouvem gritos de alguém que está sofrendo torturas. Tal narrativa pode ser classificada no gênero estranho se, no desenvolvimento da estória, um dos personagens descobre que algum outro personagem profanou o túmulo e colocou o cadáver no porão durante a noite e fez os barulhos para assustar os moradores da casa. Neste caso, a hesitação e o medo dão lugar a uma explicação que reestabelece a ordem natural da vida e resolve o mistério¹⁰.

O fantástico se dá, no que Todorov chama de “presente” da narrativa: o enquanto da estória. Em nosso exemplo, no período em que não existia uma explicação para o que de fato ocorreu para que o corpo desaparecesse do túmulo e fosse encontrado no porão da casa da vítima. Já o maravilhoso é o gênero do sobrenatural aceito, um fenômeno desconhecido e jamais visto. É o sobrenatural sem explicações lógicas e que simplesmente passa a ser aceito, distorcendo leis naturais e lógicas e fazendo com que novas leis se estabeleçam. De acordo com o nosso exemplo, seria como se no desenvolvimento da narrativa não se descobrisse um profanador de túmulos. No lugar disso, não são dadas explicações e, suponhamos, a própria pessoa morta interpelasse os familiares e pedissem que a deixasse em paz, no porão¹¹.

O estranho, define Todorov, realiza uma só das condições do fantástico: a descrição de certas reações, em particular do medo; está ligado, unicamente aos sentimentos dos personagens. O maravilhoso, ao contrário,

¹⁰ TODOROV, 2019, p. 48.

¹¹ TODOROV, 2010, p. 49.

se caracterizará pela existência exclusiva de fatos sobrenaturais, sem implicar a reação que provoca nos personagens. O maravilhoso é a classe de narrativas que terminam por uma aceitação do sobrenatural, uma vez que não se terá explicação racional alguma. Sugerem, realmente, a existência do sobrenatural. Não é uma atitude diante do acontecimento narrado que caracteriza o maravilhoso, mas a própria natureza desse acontecimento¹².

2. Phlegon, de Tralles, e o *Livro de Maravilhas*

Tendo apresentado a teoria de Todorov sobre gêneros, especificamente, o fantástico, o estranho e o maravilhoso, a seguir, exemplificaremos este último (o gênero maravilhoso) a partir de uma obra pouco conhecida, proveniente do mundo antigo, o *Livro de Maravilhas*, de Phlegon, de Tralles. Phlegon foi um homem grego livre do período do Imperador Adriano (117-138 d.C.), que serviu entre os funcionários do imperador¹³. Diz-se que certos livros de autoria ostentada por Phlegon haviam sido de fato, escritos por Adriano, que estaria alegadamente tão desejoso de renome que teria escrito ensaios sobre si mesmo e ordenado a esses homens livres e letrados que os publicassem em seus nomes. Phlegon foi autor de vários livros, dentre os quais o mais notável é *O Livro de Maravilhas*, uma compilação de eventos e fatos maravilhosos.

Uma amostra de seus temas oferece uma pequena ideia de sua natureza: uma garota morta que vem se encontrar com um namorado; um pai que devora seu próprio filho; uma donzela muda para o sexo masculino no dia de seu casamento; uma criança que nasce com a cabeça do deus egípcio Anubis; um centauro vivo é capturado; meninas de uma determinada cidade que dão à luz aos sete anos de idade; ossos de gigantes são descobertos, entre outras¹⁴.

O Livro de Maravilhas pertence ao gênero chamado pelos pesquisadores antigos como *paradoxografia*: descrever atos maravilhosos, termo

¹² TODOROV, 2010, p. 60.

¹³ HANSEN, William. *Ancient Greek Popular Literature*. Bloomington: Indiana University Press, 1996, p. 2.

¹⁴ HANSEN, 1996, p. 2.

introduzido no início do século XIX por Antonius Westermann, editor de uma coletânea de escritos gregos de maravilhas. Como um gênero independente, *paradoxografia* parece ter surgido a partir de uma confluência de duas tendências na literatura grega. Uma é o interesse pelas maravilhas. Claro, maravilhas aparecem ao longo da literatura antiga grega da obra de Homero e Hesíodo em diante, mas no curso do tempo o elemento do maravilhoso passou a ter um papel crescente a partir do final do quinto século antes de Cristo, quando histórias fabulosas, etnografias e contos de viagem eram produzidos em grande número¹⁵.

Assumindo a conceituação de Todorov na obra mencionada na parte precedente deste artigo, entendemos por paradoxografia a literatura em que se destaca a presença do gênero maravilhoso no seu sentido puro: aquele em que são narrados fatos que não recebem nenhum tipo de explicação lógica, como podemos numa das cenas do *Livro de Maravilhas*, para exemplificar o gênero maravilhoso (paradoxografia).

2.1 *Livro de Maravilhas* – Fantasmas¹⁶

Polykritos, o Atoliano

Heron de Alexandria ou de Éfeso relata que um fantasma apareceu em Atólia. Um dos cidadãos, um certo Polykritos, foi eleito aitoliano por um termo de três anos pelo povo que o considerou digno entre os cidadãos por causa dele e da notoriedade de seus ancestrais. No período de seu ofício, ele tomou uma mulher Lokriana como esposa, viveu com ela por três noites e deixou a vida na quarta noite. A mulher permaneceu em casa como viúva e grávida. Na hora do parto, ela deu à luz uma criança com dois conjuntos de genitais, masculino e feminino, com incríveis diferenças em suas naturezas. A parte de cima dos genitais era dura e viril; a parte entre as coxas, feminina e suave.

Surpresos, os familiares da criança levaram-na à Ágora, onde convocaram uma Assembleia. Convocaram também sacrificadores e adivinhadores

¹⁵ HANSEN, 1996, p. 5.

¹⁶ Optamos por apresentar apenas uma cena da seção do livro de maravilhas de Phlegon de Tralles. Entre muitas outras, esta seção trata apenas de relatos de visões e encontros com fantasmas.

e deliberaram sobre a criança. Alguns dentre eles declararam preocupação que um rompimento poderia acontecer entre os aitolianos e os lokrianos se a criança fosse separada de sua mãe, uma lokriana, por ser filha de um aitoliano. Outros pensaram que eles deveriam pegar a criança e sua mãe e queimá-las fora das fronteiras da cidade.

Enquanto deliberavam, Polykritos, o homem que morrera anteriormente, apareceu na Assembleia, perto da criança, vestindo uma roupa preta. Os cidadãos foram acometidos de espanto com a aparição e muitos começaram a fugir quando ele os chamou a ter coragem e não serem jogados em confusão com a presença de um fantasma. Quando ele conseguiu parar a maior parte da comoção e confusão, disse com voz suave:

Cidadãos, meu corpo está morto, mas em boa vontade e bondade que sinto diante de vocês, estou vivo. Estou aqui com vocês agora para o vosso benefício, tendo apelado àqueles que são mestres das coisas abaixo na terra. E agora conclamo vocês, que são cidadãos amigos, para que não fiquem assustados ou sintam repulsa na presença de um fantasma. Eu imploro a todos vocês, rezando pela salvação de todos, a me entregarem a criança que eu gerei, para que não ocorra violência como resultado de outra decisão de vocês e que a vossa hostilidade não seja o começo de grandes dificuldades. Não posso deixar a criança ser queimada por vocês, apenas por causa da loucura dos videntes que fazem proclamações para vocês. Agora eu os perdo porque vocês contemplam uma visão tão estranha, pois vocês perderam a noção do que seria o certo a fazer. Se, apesar disso, vocês me obedecerem sem medo, vocês serão liberados do seu medo presente, bem como da iminente catástrofe. Mas se vocês seguirem alguma outra opinião, eu temo que por causa de sua falta de confiança em mim, vocês caiam numa calamidade irremediável. Agora, por causa da boa vontade que eu tinha quando era vivo e que tenho agora nessa minha inesperada aparição presente, predigo o que é benéfico para vocês. Então, eu peço a vocês que não me atrasem mais, mas decidam corretamente e, obedecendo o que disse, me entreguem a criança de forma auspiciosa, pois não me é permitido ficar aqui por aqueles que governam a terra¹⁷.

¹⁷ HANSEN, William. *Phlegon of Tralles' Book of Marvels*. Trad. William Hansen. University of Exeter Press, UK, 1996, p. 29.

Após dizer isso, ele permaneceu quieto por um pouco, esperando com expectativa qual seria a resolução relativa ao seu pedido. Alguns pensaram que deveriam entregar a criança e fazer expiação tanto para ela quanto para o ser sobrenatural que estava de pé, mas a maioria discordou, dizendo que eles não deveriam deliberar tão rapidamente, já que o assunto era de grande importância e não um problema comum.

Vendo que eles não o observavam, mas, ao invés disso, dificultavam seu desejo, ele falou novamente: “Todos os eventos, cidadãos, que lhes causarem problemas, não culpem a mim, mas ao destino que os leva a cair no caminho errado, um destino ao qual me oponho também por me obrigar a agir ilegalmente contra meu próprio filho”.

O povo ficou agrupado argumentando sobre o prodígio, quando o fantasma segurou a criança, empurrou a maioria dos homens para trás e, rasgando apressadamente cada um dos membros da criança, começou a devorá-la. As pessoas começaram a gritar e atirar pedras nele para que fosse embora. Ileso das pedradas, ele consumiu o corpo inteiro do menino, exceto sua cabeça e, surpreendentemente, desapareceu.

O povo irritado com esses acontecimentos e em estado de extraordinária perplexidade, queria enviar uma delegação a Delphi, mas a cabeça do menino que estava no chão, começou a falar, prevendo o futuro em um oráculo:

Ó povo incontável, que habita uma terra famosa na canção,
Não vá para o santuário de Phoibos, para o templo com seu incenso,
Pois as mãos que guardais no ar está contaminada com sangue,
O caminho ante seus pés está contaminado.
Renuncie à viagem para o tripé e considerem o que eu digo,
Pois eu vou relatar toda a ordem do oráculo.
Nesse dia, no decorrer de um ano
A morte foi ordenada para todos, mas pela vontade de Atena
As almas dos lokrianos e dos aitolianos viverão misturadas juntas.
Não haverá um alívio do mal, nem mesmo brevemente,
Um chuvisco sangrento é derramado em suas cabeças,
A noite mantém tudo escondido, e um céu escuro se espalhou acima dela,
Ao mesmo tempo, a noite faz com que uma escuridão se mova por toda
a terra,
Em casa, todos os enlutados movem seus membros no limiar,
A mulher não deixará de se lamentar, nem as crianças

Deixem de luto pelos que choram nos corredores, como eles se apegam a seus Queridos pais.
Essa foi a onda que, de cima, caiu sobre todos.
Infelizmente, infelizmente, sem cessar, lamento os terríveis sofrimentos de minha
Terra e minha mãe mais temida, que a morte eventualmente arrebatou.
Todos os deuses tornarão inglórias o nascimento
De tudo que resta de sementes de Lokrianos,
Porque a morte não tocou minha cabeça,
Como fez com todos os membros do meu corpo,
Mas tem me deixado sobre a terra.
Venha e exponha minha cabeça ao amanhecer,
Não a esconda debaixo da terra empoeirada.
Quanto a vós mesmos, abandonai a terra e
Vão para outra terra, para o povo de Atenas,
Se vocês escolherem uma fuga da morte de acordo com o destino¹⁸.

Quando os atolianos ouviram o oráculo, eles trouxeram suas esposas, crianças e idosos para lugares seguros, conforme cada homem era capaz de organizar. Eles mesmos permaneceram atrás, aguardando o que ocorreria e, no ano seguinte, os aitrolanos enfrentaram batalhas com grande destruição para ambos os lados.

Este pequeno trecho é um exemplo deste tipo de obra do Mundo Antigo. Evidentemente, reproduzimos um trecho de apenas um capítulo da obra que fala especificamente sobre o tema de “fantasmas”. A obra em si traz uma grande variedade de temas, como por exemplo, mudanças de sexo, pessoas que se transformam em animais, relatos de descobertas de ossos gigantes. Para o objetivo de nosso artigo, o capítulo que descreve reencontros entre mortos e vivos é muito precioso.

O estranhamento causado pela leitura desta obra pode ser explicado (em termos literários, pelo menos) por meio da teoria apresentada anteriormente. Mas tal estranhamento conduz-nos a outras perguntas mais específicas: havia um imaginário no Mundo Antigo sobre a relação entre mortos e vivos e o rompimento das barreiras que os separam, que permitisse que relatos como esse fossem conhecidos? Homens e mulheres

¹⁸ HANSEN, 1996, p. 31.

desse período temiam que os mortos voltassem para cobrar “dívidas” ou reclamar insatisfações? A obra de J. C. M. Toynbee esclarece um pouco sobre a maneira que a morte era experimentada e as crenças do Mundo Antigo sobre o desconhecido pós-morte.

3. Morte e crenças romanas sobre pós-morte

Segundo J. C. M. Toynbee, as ideias romanas sobre morte e além-mundo e costumes funerários devem, em muito, à cultura da região da Etrúria¹⁹. Ela defende que ao menos algumas das considerações gerais das ideias etruscas sobre o pós-morte, além das práticas e monumentos relacionados com a morte, inspiradas por essas ideias, formam o “prelúdio essencial a qualquer entendimento e discussão das contrapartidas romanas sobre o assunto”. Há marcas características de crenças etruscas sobre o além-mundo e a arte funerária que não encontram lugar em Roma. Algumas ideias e costumes inicialmente herdados dos Etruscos se desenvolveram de forma muito diferente no mundo romano, combinados com outras influências que também estavam em ação²⁰.

Para a autora, independente de viver no próprio túmulo ou em algum reino dos mortos provavelmente invisível e subterrâneo, os etruscos acreditavam que a vida continuava de forma muito semelhante à vida na terra. Então, essa pós-existência exigia as mesmas comodidades da vida na terra: comida, recipientes para cozinhar, comer e beber, artigos de banheiro, armas, armaduras e similares, reais ou falsificações feitas de arte. Nas pinturas em tumbas dos séculos V e VI a. C., prevalecia o tema dos Campos Elísios, que imagina os mortos se divertindo, ora como participantes, ora como expectadores de esportes, alegrias e passatempos de pessoas cultas e abastadas como: banquetes, pesca, caça a aves, jogos atléticos, cavalgadas, músicas e danças, retratados num cenário de árvores, plantas, pássaros esvoaçantes e guirlandas de flores penduradas²¹.

¹⁹ Região citada em literatura antiga e clássica, hoje correspondente à região da Toscana, na Itália.

²⁰ TOYNBEE, J. M. C. *Death and Burial in the Roman World*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1996, p. 11.

²¹ TOYNBEE, 1996, p. 12.

Segundo ela, em todos os motivos artísticos dessa espécie de Simpósio, os falecidos eram retratados reclinados em grupo ou individualmente nos banquetes do além-mundo, desfrutando os motivos da moda do período da arte romana. Na arte funerária dos séculos anteriores, a morte em si, a passagem desta vida para a próxima, era raramente retratada, sendo que poucas referências são feitas às divindades da morte e seus agentes, os quais homens ou mulheres deveriam encontrar no incrível processo de separação de alma e corpo²². Para os romanos, assim como para os etruscos, a sobrevivência da alma após a morte era uma crença antiga e profundamente arraigada. Entre a grande maioria da população do período romano prevalece a convicção de que algum tipo de existência consciente está reservado para a alma após a morte e que os mortos e os vivos podem se afetar mutuamente. Isso pode ser constatado na literatura, epigrafia, estrutura e mobiliário das tumbas. A vida humana não é apenas um intervalo entre nada²³.

Toynbee defende que a massa das evidências escritas e arqueológicas para a defesa das ideias romanas sobre vida após a morte não é anterior ao século I AC. Para o período precedente, ela toma Plauto (250-184 a.C.) como carro-chefe de sua autoridade literária, cuja obra *Mostellaria* apresenta crenças de que os espíritos dos mortos podem assombrar as casas dos vivos, sendo que duas de suas linhas transmitem a noção de que o mundo inferior é proibido para as almas daqueles que morreram antes da hora. Para o restante, ela afirma que o conhecimento se mantém sobre o período da primitiva e média República, praticamente referente e derivado das descrições de Ovídio na obra *Fasti di Manes*. Dessas fontes e, em particular, de uma passagem em Cícero, a autora afirma que se pode deduzir que os mortos eram considerados como uma coletividade, que eram venerados nas pessoas dos ancestrais, mas de forma desalinhada e indiferente. Se fossem venerados de forma apropriada, eram capazes de ajudar seus descendentes, mas eram rancorosos e prejudiciais aos vivos se fossem negligenciados²⁴.

Bem próximo também da crença de que os indivíduos mortos lembravam com afeto seus laços com os amigos vivos era a noção de que

²² TOYNBEE, 1996, p. 20.

²³ TOYNBEE, 1996, p. 34.

²⁴ TOYNBEE, 1996, p. 35.

a conduta e os atos de uma pessoa nesse mundo tinham consequências no seu destino no além. Catálogos de virtudes e conquistas, ambos em literaturas e inscrições, pretendiam garantir que os mortos viveram com honra no que restava de suas memórias. E o mesmo era, sem dúvida, verdade em incontáveis cenas de suas vidas diária, profissional e intelectual, retratadas na arte funerária. Segundo Toynbee, está claro que foi desenvolvido entre os romanos o senso de que a sobrevivência do indivíduo na pós-morte implica algum tipo de responsabilidade moral de sua parte e que todos devem esperar uma avaliação e um julgamento depois da morte, quando uma vida terrena bem vivida, com deveres realizados com sucesso e talentos aproveitados ao máximo possibilitariam colher sua recompensa. Muitos epitáfios, defende ela, tratam o trabalho e as preocupações como cargas das quais a morte traz libertação²⁵.

Toynbee afirma que havia muitas especulações no período romano sobre onde estava localizado o mundo dos mortos. Virgílio, na sua obra *Eneida*, foi o primeiro escritor romano a empregar a figura mitológica grega do além-mundo com uma tipografia elaborada e tripartida em divisões entre Limbo, a região próxima da entrada dos portais do Hades, para a qual iam as crianças e os que morriam antes da hora determinada para eles, Inferno, onde criminosos lendários de estatura sobre-humana eram torturados, e os Campos Elísios, onde os heróis, isentos de toda dor e preocupação, usufruem eternamente os prazeres que eles desejavam na terra. Mas entre os romanos, aponta Toynbee, essa imagem permaneceu, para a maioria deles, poética, usada como convenção literária pelos sucessores de Virgílio na linha de poetas romanos desde a época de Augusto até o fim do período de civilização dos pagãos, bem como pelos escritores de alguns versos de epitáfios. Epitáfios em prosa e arte funerária, por outro lado, ignoravam essas elaborações quase totalmente. Este fato e os ritos praticados nas tumbas sugerem que a grande massa da população não era afetada por essa tradição literária e possuía outras visões sobre as moradas do pós-morte²⁶.

Não existem memórias explícitas ou evidências sobre as ideias primitivas dos romanos sobre onde os mortos deveriam morar depois do

²⁵ TOYNBEE, 1996, p. 36.

²⁶ TOYNBEE, 1996, p. 37.

corpo receber um sepultamento adequado, segundo a autora. É provável, entretanto, que eles pensavam que essa continuidade da vida se dava no mundo subterrâneo, no próprio local do sepultamento ou próximo dele, onde os mortos poderiam ser nutridos. Dos períodos posteriores existem, de fato, muitas evidências de um desejo dos romanos por manter os mortos vivos, por meio de oferendas feitas a eles de comida, bebida, óleos, até mesmo sangue, e também pelas evidências de suas participações em banquetes funerários compartilhados nas tumbas. Para este fim, eram deixados buracos e tubos eram feitos para que as oferendas e porções para os mortos pudessem penetrar nas tumbas²⁷.

Para algumas pessoas, os mortos estavam destinados a continuar suas existências, de fato, nas suas tumbas e, por isso, conforme pode ser observado especialmente na arte funerária etrusca, era importante reproduzir o ambiente da casa nos mausoléus, bem como supri-los com mantimentos e utensílios. Outras pessoas, defende a autora, alocavam as habitações do Além-Mundo no céu, na atmosfera e até mesmo na lua. Outras ainda, ela defende, com base na arte sepulcral, acreditavam que o destino de todas as almas humanas no além-mundo era em algum tipo de reino, no oceano (na tradição literária, o oceano era reservado apenas aos heróis), onde os mortos ficavam felizes navegando ou nas ondas nas costas de amigáveis leões marinhos, touros-marinhos, cavalos-marinhos, centauros-marinhos, golfinhos e outras criaturas marinhas²⁸.

A despeito das ideias sobre a localização do mundo dos mortos serem confusas e conflitantes em muitos casos, a autora aponta que duas coisas parecem emergir de forma clara: durante os fins da República e ao longo o Império (exceto certas escolas filosóficas e os círculos que elas influenciaram) a crença de que a individualidade pessoal sobrevivia após a morte e expectativas da natureza de vida que aguardava a alma no além-túmulo eram, em geral, otimistas. Tanto a literatura quando a arte funerária, de fato, revelava que havia nesse período uma convicção profunda de que o terror e poder da morte poderiam ser superados pelas almas dos falecidos, bem como uma vida mais próspera

²⁷ TOYNBEE, 1996, p. 37.

²⁸ TOYNBEE, 1996, p. 38.

e feliz do que a experimentada aqui e que esta vida poderia ser vivida no além-túmulo, sob algumas condições. Estas condições seriam uma vida útil, bem ordenada e virtuosa na terra ou ser membro de um dos cultos de mistério herdados por Roma dos helenistas clássicos ou do Oriente²⁹.

Linhas conclusivas

Nossas aproximações aos textos apresentados acima são experimentações. Experimentamos teorias, como a teoria literária, a partir da perspectiva de gêneros (do gênero maravilhoso, de Todorov, neste caso), para verificar possibilidades. A dificuldade maior está na medida em que fontes primárias como *O Livro de Maravilhas*, de Phlegon, de Tralles, são textos, em geral, desconhecidos pela comunidade acadêmica. Então, o primeiro esforço é apresentar a fonte, evidenciar sua temática. Isto feito, a teoria ajuda muito. Procuramos unir a este esforço a pesquisa na temática que se sobressai na fonte: o tratamento que os mortos recebem no mundo antigo, no Império Romano e a compreensão desse mesmo mundo a respeito do pós-morte. Esta perspectiva neste artigo nos foi oferecida pelo trabalho de J. C. M. Toynbee, que compreende análise de túmulos, necrópoles, urnas funerárias e descrições a respeito do pós-morte, que refletem a preocupação do Império Romano em honrar e tratar de forma devida os mortos de sua época. De tal análise, podemos buscar indícios de como se forma o imaginário do mundo antigo a respeito do que os romanos esperavam da vida após a morte.

Nossos próximos esforços, possivelmente, precisarão ser testar novas teorias de análise dessas fontes e buscar meios de aproximação delas (as fontes) com outras, mais diretamente relacionadas ao Cristianismo Primitivo, partindo do pressuposto de que, certamente, estes “dois mundos” (Império Romano e Cristianismo nascente) dialogavam e trocavam informações e elementos comuns de cultura entre si, numa relação circular, traduzindo e ressignificando elementos que lhes eram comuns.

²⁹ TOYNBEE, 1996, p. 38.

Referências

- HANSEN, William. *Ancient Greek Popular Literature*. Bloomington: Indiana University Press, 1996.
- HANSEN, William. *Phlegon of Tralles' Book of Marvels*. Trad. William Hansen. University of Exeter Press, UK, 1996, p. 29.
- HANSEN, William. *The Book of Greek & Roman Folktales, Legends & Myths*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2017.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. *Apocriçidade. O Cristianismo Primitivo Para Além do Cânon*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- NOGUEIRA, Paulo A. S. *Narrativa e Cultura Popular no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Paulus, 2018.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva. 2010.
- TOYNBEE, J. M. C. *Death and Burial in the Roman World*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press. 1996.